

Poéticas do labirinto no conto contemporâneo: de Jorge Luís Borges a David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen

Poetics of the labyrinth in the contemporary tale: from Jorge Luís Borges to David Mourão-Ferreira and Sophia de Mello Breyner Andresen

Helena Malheiro

Universidade Aberta/CLEPUL
mariahelenamalheiro@gmail.com

Palavras-chave: poética, labirinto, fantástico, absoluto, sentido, identidade.
Keywords: poetics, labyrinth, fantastic, absolute, sense, identity.

Jorge Luis Borges é, sem dúvida alguma, o incomparável inventor dos mais famosos labirintos contemporâneos. No seu conto fundamental intitulado “O Aleph”, o narrador encontra como por acaso *o centro do mundo*, que se concretiza numa pequena esfera, o tal *Aleph* “de brilho quase intolerável” e que contém “todos os lugares da Terra”, esse “lugar, onde estão, sem se confundirem, todos os lugares do mundo, vistos de todos os ângulos” e onde o autor enumera, de forma visionária e anafórica, todas as paisagens possíveis, interiores e exteriores do desconhecido mundo onde nos encontramos, para acabar por revelar, num êxtase sublime e rimbaldiano, a imensidão polimorfa e excessiva do “inconcebível universo”:

O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava ali, sem diminuição de tamanho. Cada coisa [...] era infinitas coisas, porque eu a via claramente de todos os pontos do universo. Vi o populoso mar, vi a aurora e a tarde, [...] vi convexos desertos equatoriais e cada um dos seus grãos de areia, [...] vi a engrenagem do amor e a modificação da morte, [...] e senti vertigem e chorei, porque os meus olhos tinham visto esse objecto secreto e conjectural cujo nome os homens usurpam, mas que nenhum homem olhou: o inconcebível universo. (Borges, 1989a, pp. 646-647)

Inconcebível porque infinito, inalcançável, labiríntico. Esta repetição obcecante de paisagens de dentro e fora da alma, desencadeada por uma autêntica

fenomenologia do olhar, acentuada pela “anaforização” dos verbos “ver” e “olhar” parece mergulhar as suas raízes no “Bateau Ivre” de Rimbaud, em que tal como no conto anterior – ou poema em prosa – uma anáfora semelhante e exaustiva conduz igualmente a uma visão excessiva e sublime do tal “inconcebível universo”:

Je sais les cieux crevant en éclairs, et les trombes
Et les ressacs et les courants: je sais le soir,
L’Aube exaltée ainsi qu’un peuple de colombes,
Et j’ai vu quelquefois ce que l’homme a cru voir!
(Rimbaud, 1972, pp. 66-69)

O Aleph representa portanto o labirinto infinito, o primeiro número que contém todos os números, a procura incansável do Absoluto que se concretiza naquela pequena esfera de contornos paradoxalmente inalcançáveis. No entanto, ao aprofundarmos a leitura dos contos do autor, veremos que esta visão excessiva e eufórica será permanentemente adiada diante do intrincado dédalo omnipresente no universo borgesiano.

O problema da aparência e da identidade, associado à criação e ao sonho, constitui a trama do paradigmático conto “Ruínas Circulares”. Aqui a personagem acaba por se descobrir a si própria como não sendo mais do que a projecção do sonho de outrem, que por sua vez se descobre como sonho, e assim até ao infinito: “Com alívio, com humilhação, com terror, compreendeu que ele próprio também era uma aparência, que outro estava a sonhá-lo” (Borges, 1998a, p. 472).

O autor encena incessantemente um mundo onde nada existe verdadeiramente e tudo é simulacro de tudo. A identidade do protagonista é permanentemente inventada e negada ao mesmo tempo tornando-se numa instância infinitamente inalcançável. Através de uma assombrosa “*mise en abyme*”, Borges transmite a ideia de que o homem não existe, limitando-se apenas a ser o sonho de um sonho. Trata-se aqui de uma alegoria da criação do Homem e do Universo, do começo dos começos, do tempo primordial em que nada existia. Trata-se de Deus a criar o mundo. Neste conto, um asceta propõe-se sonhar um homem e integrá-lo depois na realidade, mas ao dar por terminada a sua tarefa, acaba por se aperceber que ele próprio também não passa do sonho que um outro resolveu sonhar. E poderíamos continuar indefinidamente: esse outro acabaria por realizar que também estava a ser sonhado por outro, que por sua vez estaria a ser sonhado por outro e assim infinitamente, até ao princípio dos princípios, até Deus, provavelmente ou não, já que toda a criatura é criada por outra e não existe nenhuma causa primeira que possa escapar a esta infinita recorrência. O protagonista fracciona-se assim em dois, o criador e a criatura, que por sua vez se fracciona também, e o esquema labiríntico repete-se à exaustão.

Parece impossível chegar a Deus. A hierarquia da criação não tem começo nem fim. O tempo horizontal é abolido e instala-se o tempo circular do eterno retorno dentro de um universo, desde todo o sempre, perpétuo. Borges encena neste conto-poema um movimento circular permanente que se repercute *ad aeternum* num universo sem começo nem fim. Aqui não existe o eu nem o outro, nem a procura do eu através do outro. Eu sou todos e ninguém, já que posso criar indefinidamente através do sonho, mas também não passo, eu próprio, de

um sonho. A realidade é um sonho, o tempo não existe, a identidade também não. Ninguém é alguém, repetirá Borges inúmeras vezes ao longo da sua obra. A dissolução aqui não conduz do eu ao outro, antes elimina, de uma só vez, o eu e o outro, com todas as consequências que isso acarreta, como a destruição do próprio conceito de autor. Com efeito, já em 1923, o autor escrevia em epígrafe ao seu primeiro livro de poemas intitulado *Fervor de Buenos Aires*:

Se as páginas deste livro consentem algum verso feliz, perdoe-me o leitor a indelicadeza de o ter usurpado previamente. Os nossos nada pouco diferem; é vulgar e fortuita a circunstância de que sejas tu o leitor destes exercícios e eu o seu redactor. (Borges, 1998a, p. 11)

O autor não existe, limita-se a ser o emissário de um Espírito Universal que seria a Literatura a ditar-se a si própria. Este “panteísmo literário” dissolve a noção de autor e afirma a superioridade e a eternidade do texto literário, como na infinita “Biblioteca de Babel” – que existe desde todo o sempre e que ele compara ao universo sem princípio nem fim – ou no célebre conto “Pierre Menard, autor do Quixote”, em que um escritor francês do século XX reescreve fragmentos da obra de Cervantes em tudo idênticos ao original.

Para Borges, o desdobramento do eu é uma multiplicação infinita e irreversível que anula o indivíduo na perpétua e circular caminhada para a eternidade. O asceta das “Ruínas Circulares”, cuja forma – circular – já por si só metaforicamente prefigura o tempo circular e a ideia de destino como eterno retorno, dissolve-se nas figuras de todos os que se sonharam para chegar a ele e nas de todos os que virão a seguir a ele, engendrando-se a partir do seu sonho num movimento de perpétua recorrência. Através desta infinita dissolução, a anterioridade deixa de existir, o futuro também não, para se instalar uma espécie de “eternização do instante” que une por alguns segundos ou milênios, o ser e o mundo numa espantosa unidade.

O homem torna-se o verdadeiro objecto fantástico e o fantástico não será mais a excepção mas sim a regra do universo. “O labirinto é nosso”, como dirá David Mourão-Ferreira (1988, pp. 305-306), já que contém a flutuação incessante dos lugares, do tempo, da identidade, das palavras e dos sentidos. E é nesta mesma flutuação que, em suma, se instala o fantástico. Onde nos situamos afinal dentro desta imensa “Biblioteca” com um número infinito de galerias hexagonais?¹ Conseguiremos nós encontrar o Livro e seguir o fio de Ariana, ou julgaremos nós incessantemente estar a vê-lo, estenderemos nós incessantemente a mão para a sua imagem virtual, fornecida por espelhos que nós próprios instalámos?

Podemos pois estabelecer um paralelismo entre o universo labiríntico de Borges e o de David Mourão-Ferreira, que nos contos de *Os Amantes* instala igualmente um labirinto que é procura da identidade e do sentido². Com efeito, todo o conto “Amanhã Recomeçamos” se constrói sobre um dédalo intrincado de

¹ Referência ao conto “A Biblioteca de Babel” de Jorge Luis Borges, incluído na colectânea *Ficções*.

² Esta comunicação retoma a investigação do nosso ensaio intitulado “*Os Amantes*” ou *A Arte da Novela em David Mourão-Ferreira*.

palavras esparsas que adiam permanentemente o sentido. As suas personagens estão perdidas num mar de frases desconexas e afogam-se no fluir da sua própria imaginação, são apenas dois naufragos num mar de diálogos intermináveis que não chegam a nenhum porto. Com efeito, é contra o absurdo do eterno recomeço simbolizado pelo incessante movimento das ondas que se revolta a jovem mulher:

- O que é preciso é irmos todas as noites cada vez mais longe.
 – E depois?
 – Ou há sempre depois ou deixa de haver depois. Não podemos parar.
 – Eu preferia que voltássemos para trás...
 – Não. Isso nunca. [...]

Não me conformo com a ideia de vivermos aqui, cada noite ancorados num porto diferente... Quero uma casa. Preciso de ver pessoas. Quero voltar a sentir terra debaixo dos pés. Quero deixar de ouvir o mar. (Mourão-Ferreira, 1996, pp. 109-110)

O importante é nunca parar, seguir incessantemente o caminho sinuoso do labirinto, porque sem a vontade e a imaginação acabariam por morrer em vez de se reinventarem naquele mar de palavras. As personagens de “Amanhã Recomeçamos” embarcaram numa corrida infernal em que é impossível voltar atrás. Assim tentam enganar o Tempo, através de uma diabólica viagem ao mundo das palavras e da mentira onde acabarão por se afogar. Em “Litania da Sombra”, o poeta exclama: Estamos “talvez perdidos” nesta “feira do Tempo!”. Perdidos ou mortos, jamais o saberemos. O poeta, porém, parece querer continuar neste percurso iniciático. No labirinto do Tempo vários tempos coexistem, os múltiplos tempos da vida, os do sonho e os da morte: “E dentro daquelas casas/quando foi que nós morremos?” (Mourão-Ferreira, 1988, p. 119). “Francamente não me lembro se essa noite nos suicidámos” (Borges, 1998b, p. 158), poderia responder Jorge Luis Borges. Aos olhos da morte, as imagens da vida não são mais que projecções paralelas de um mesmo labirinto. Impregnado de passado, ele extrai, a cada segundo, o futuro do presente.

O labirinto do tempo acompanha-se sempre de um labirinto espacial caracterizado por uma geografia infinita e permanentemente renovada. No conto “A Boca”, de David Mourão-Ferreira, o desdobrar dos mapas geográficos expõe, num mesmo percurso, palavras francesas, italianas, espanholas e outras. Mas em vez de concretizar e de fornecer assim uma verdadeira descrição da realidade, este processo estilístico, sobrecarregado de precisões, conduz-nos a um espaço irreal, um percurso imaginário num mundo fantástico. Nesse mesmo conto e em “Ao Lado de Clara”, os inúmeros ritos e alusões mitológicas, estabelecem simetria com poemas como “Romance de Pompeia”, “Romance de Cnossos”, “Romance de Rodes”, onde a tradição clássica e o mito se misturam friamente com um quotidiano não de todo abandonado. Esta geografia infinita mostra-nos sobretudo lugares mágicos em permanente mutação, que conduzem a um espaço angustiante pelo seu carácter circular e repetitivo, um mundo em permanente metamorfose, um labirinto mergulhado na noite. A viagem no espaço segue um itinerário onde aquele que o percorre se debate com a morte. Este mundo composto por labirintos incessantes conduz a um universo despovoado onde o homem se encontra sozinho num horizonte apocalíptico. Mas, apesar deste espaço reflec-

tir a angústia do homem diante da morte, não deixa de ser um espaço de criação textual e de superação do real pela força da imaginação porque se situa sempre na fronteira com um outro espaço, pertencendo este a uma outra “história” que apenas pressentimos e que nunca, totalmente, se nos revela.

Também para David, a identidade é a aparência fugitiva de um instante mal entrevisto, como a imagem de nós próprios dada pelos espelhos, como um retrato efêmero desenhado a giz ou gravado na areia, ou ainda o reflexo do amante nos olhos da amada. O problema da multiplicidade do ser engendra o tema do duplo, da cópia, porque tudo é cópia de tudo neste universo construído por Dédalo, onde as paredes são os espelhos de uma falsa realidade multiplicando-se ao infinito. Todos os contos de *Os Amantes* são um confuso mundo de aparências onde ninguém se encontra. A identidade é uma vã procura, permanentemente adiada. Em “Ao Lado de Clara”, o labirinto é verdadeiramente “encenado” pelo carácter ritual dos actos. O jogo teatral tem o carácter de um rito, de um espectáculo, de uma cerimónia continuamente repetida, tal como em “A Trama” de Borges (Borges, 1998b, p. 167) que repete, “dezanove séculos depois”, o drama da morte de Júlio César. O sentido sempre adiado volta a conferir o sentido, para finalmente o perder e o encontrar de novo, instalando um clima fantástico de alucinação e de multiplicidade. Realidade ou aparência? Ilusão ou Verdade? “É preciso inventar? Ou contar a verdade? Só o que invento me comove; Só a verdade te emociona” (Mourão-Ferreira, 1996, p. 35).

Ficção ou sonho? Grão de absurdo dentro da inefável corência da realidade? Para David Mourão-Ferreira, Borges e outros autores sul-americanos como Cortázar ou Bioy Casares, o labirinto é uma procura da identidade e do sentido que passa pelos intrincados corredores das palavras. Simultaneamente Teseu e Minotauro, pesquisador e prisioneiro, errando dentro do labirinto de Cnossos, o homem toma consciência do sentido que lhe escapa, da sombra que ele próprio projecta e das múltiplas faces que traz dentro de si:

Mas se o palácio percorro
eis que sofro de outro modo
Ver que o palácio é dos outros
mas que o labirinto é nosso
Que alimentamos o monstro
com o sangue de nós próprios.
(Mourão-Ferreira, 1988, pp. 305-306)

Sophia de Mello Breyner Andresen fala igualmente deste palácio do Minotauro num poema justamente intitulado “Palácio”, em que substitui a tranquilidade da “casa branca” pelas “noites de espanto e de prodígio/Onde os anjos vermelhos batalharam”. Com efeito, a “casa antiga” da infância é assimilada a um dos palácios do Minotauro, lugar do “kaos” labiríntico e da desordem inicial:

Era um dos palácios do Minotauro
– o da minha infância para mim o primeiro
Ali o túmulo cego confundia
O escuro da noite e o brilho do dia
Ali era a fúria o clamor o não dito

Ali o confuso onde tudo irrompia
 Ali era o Kaos onde tudo nascia
 (Andresen, 2010, p. 612)

E no seu belíssimo conto “A Viagem” da obra fundamental *Contos Exemplares*, a autora confronta-nos, logo no início, com o carácter efêmero do tempo, através da magnífica e desconcertante frase proferida pela mulher: “É o meio da vida” (Andresen, 1997, p. 95).

A partir daí sucedem-se os tortuosos labirintos de um tempo monstruoso que devora a vida a uma velocidade vertiginosa:

Através dos vidros, as coisas fugiam para trás. As casas, as pontes, as serras, as aldeias, as árvores e os rios fugiam e pareciam devorados sucessivamente. Era como se a própria estrada os engolisse. [...]
 Árvores, campos, casas, pontes, serras, rios, fugiam para trás, escorregavam para longe. [...]
 Encontraram rios, campos, montes; atravessaram rios, campos, montes; perderam rios, campos, montes. As paisagens fugiam, puxadas para trás. (Andresen, 1997a, pp. 95-98)

Notemos a poderosa carga disfórica dos verbos utilizados para ampliar o turbilhão de um tempo devorador: engolir, fugir, perder, escorregar, puxar.

Poderíamos aqui estabelecer um paralelismo com o conto “Amanhã Recomeçamos” de David Mourão-Ferreira que acabámos de citar, onde um outro casal igualmente naufraga no tempo. Mas, se em David Mourão-Ferreira, as personagens estão embarcadas numa viagem diabólica e sem retorno, para Sophia esta “viagem” que é, afinal, a vida, atinge a dimensão do sagrado. Com efeito, no início do conto, ainda serena e com a cabeça encostada nas costas do banco do carro, a mulher imagina o lugar para onde se dirigiam, esse “lugar onde nunca tinham ido”, “nem conheciam ninguém que lá tivesse estado”. Trata-se aqui, evidentemente, do verdadeiro jardim edénico:

E ela imaginou com sede a água clara e fria em roda dos seus ombros, e imaginou a relva onde se deitariam os dois, lado a lado, à sombra das folhagens e dos frutos. Ali parariam. Ali haveria tempo para poisar os olhos nas coisas. [...] Ali haveria silêncio para escutar o murmúrio claro do rio. Silêncio para dizer as graves e puras palavras pesadas de paz e de alegria. Ali nada faltaria: o desejo seria estar ali. (Andresen, 1997a, p. 97)

Facilmente reconhecemos o Jardim do Paraíso onde o tempo não passa e as palavras se unem aos elementos, dentro do puro silêncio da criação.

Na obra de Sophia, o “silêncio indizível” é imprescindível para a suspensão do devir temporal. Só através do puro silêncio se reencontra o instante que conduz à “única unidade” em que ser e realidade se fundem com a harmonia inicial dos tempos.

Neste conto, Sophia retoma o tema do labirinto através da encenação de um modelo alegórico da vida como viagem. Nesta narrativa exemplar, o absurdo da existência domina a longa caminhada humana, onde inúmeras escolhas – ou

encruzilhadas – conduzem à perda incessante de si dentro do caos da vida dominada por um tempo devorador como o Minotauro.

No fim da *viagem*, a autora confronta-nos finalmente com a morte como abismo final, aqui apresentada como “um poço de escuridão”, o *Nada* existencialista, o *Néant* sartriano, do qual, no entanto, a poetisa se quer empenhadamente demarcar. Ao contrário da naufraga de “Amanhã Recomeçamos” de David, e apesar de se encontrar sozinha, diante de um precipício, um abismo negro que já engoliu o homem e que não se sabe onde leva, a mulher acredita numa saída, numa luz, algures do outro lado das trevas. Apesar de amedrontada e só, “vestida de terror, agarrada ao chão em frente do vazio”, a sua crença inabalável na presença de “alguém” que estaria “com certeza”, “do outro lado do abismo”, leva-a a ter esperança e a chamar: “Então virou a cara para o outro lado do abismo. Tentou ver através da escuridão. Mas só se via escuridão. Ela, porém, pensou:

– Do outro lado do abismo está com certeza alguém.
E começou a chamar.
(Andresen, 1997a, p. 115)

Este final do conto, de uma extrema beleza, é a prova inequívoca da presença de Deus que Sophia nos quer transmitir através da figura exemplar desta anónima personagem.

Para lá da angústia e do absurdo da existência, Sophia acredita numa saída do labirinto. Recordemos também o belíssimo conto “O Silêncio” (*Histórias da Terra e do Mar*), em que o grito desesperado da mulher interrompe um mundo de paz e de harmonia e instala um labirinto aterrorizador e sem saída. Aqui também, e apesar do desespero do seu grito universal, a mulher acredita numa presença, para lá da sombra de uma noite infinita:

Gritava contra as paredes, contra as pedras, contra a sombra da noite. [...] Erguia a sua voz como se quisesse atingir com ela os confins do universo e, aí, tocar alguém, acordar alguém, obrigar alguém a responder. Gritava contra o silêncio.
(Andresen, 1997b, p. 53)

Entre a plenitude e o desespero se constrói a pouco e pouco esta narrativa, que encena a dualidade entre a presença de um silêncio revelador de uma unidade cósmica que parecia anunciar uma revelação, e o seu negativo aterrorizador, um grito infinito que origina um outro silêncio, um silêncio negro e abismal, que descobre uma ausência tão profunda que de repente subverte a harmonia conquistada.

A viagem labiríntica de Sophia para o Sagrado atravessa assim “o terror e a distância”, para chegar ao encontro que lhe permite atingir a verdade e a pureza do mundo inicial.

Ao contrário de Borges e de David Mourão-Ferreira, para Sophia a recriação do mito do labirinto é, de facto, a alegórica encenação da dualidade fundamental sobre a qual constrói a sua obra de demiurga, caminhando permanentemente do Caos ao Cosmos num percurso que indubitavelmente a conduz da Sombra à Claridade.

O labirinto torna-se portanto num símbolo sacralizado, cujos múltiplos corredores traduzem os sinuosos caminhos do homem pela confusa rota da vida, imersa numa temporalidade acelerada e fugaz. Se, por um lado, representa um passado que insiste em voltar trazendo consigo a amálgama caótica das memórias sombrias do inconsciente e a consciência bem presente de um “tempo dividido” onde impera a injustiça, a iniquidade e “o espantoso sofrimento do mundo”, por outro, o labirinto representa o atribulado caminho que a conduz ao extraordinário deslumbramento perante “o espantoso esplendor do mundo” que a faz percorrer os “palácios sucessivos e roucos” em busca da luz de uma unidade antiquíssima, perdida nos confins do tempo, onde chega renovada pelo fio de Ariadne da palavra.

Referências bibliográficas

- Andresen, S. (1997). *Contos Exemplares*. Porto: Figueirinhas.
 Andresen, S. (1997). *Histórias da Terra e do Mar*. Lisboa: Texto Editora.
 Andresen, S. (2010). *Obra Poética*. Lisboa: Caminho.
 Borges, J.L. (1998). *Obras Completas I*. Lisboa: Teorema.
 Borges, J.L. (1998). *Obras Completas II*. Lisboa: Teorema.
 Malheiro, H. (1984). “*Os Amantes*” ou a *Arte da Novela em David Mourão-Ferreira*. Lisboa: Imprensa Nacional.
 Malheiro, H. (2008). *O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade*. Lisboa: Oficina do Livro.
 Mourão-Ferreira, D. (1988). *Obra Poética*. Lisboa: Editorial Presença.
 Mourão-Ferreira, D. (1998). *Os Amantes e outros Contos*. Lisboa: Editorial Presença.
 Rimbaud, A. (1972). *Oeuvres Complètes*. Paris: Éditions Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade.

Resumo

O labirinto é a estrutura sobre a qual se erguem múltiplos contos contemporâneos, um labirinto espacial, temporal e textual que desencadeia invariavelmente um labirinto do conhecimento que chega a pôr em causa a própria identidade das personagens que nele a medo ousam penetrar. Partindo de alguns contos paradigmáticos de Jorge Luis Borges, David Mourão-Ferreira e Sophia de Mello Breyner Andresen, onde uma escrita de contínuo devir adia incessantemente o sentido, tentaremos aqui evidenciar a simbologia poderosa de uma verdadeira “poética do labirinto” no conto contemporâneo.

A imagética transbordante inerente a esta prosa poética ou mais concretamente a esta *poesia narrativa* de clima fantástico, conduz frequentemente a uma multiplicidade e a uma inversão total de perspectivas que nos leva à vertigem e à alucinação. Porque os seres que aqui se perpetuam erram perdidos à procura de si próprios e do mistério que tudo invade e se instala nos interstícios do real e das palavras, para nos conduzir ao espanto de um universo desconhecido onde a beleza esmagadora da Poesia é o fio condutor de uma poderosa demanda do sentido³.

³ Esta comunicação retoma a investigação da nossa Tese de Doutoramento, publicada com o título *O Enigma de Sophia: da Sombra à Claridade*.

Abstract

The labyrinth is the structure beneath most of contemporary short stories. A spatial, textual and time labyrinth, usually leading to a knowledge maze that questions even the identity of the characters that dare to enter it.

Starting with some paradigmatic stories of Jorge Luis Borges, David Mourão-Ferreira and Sophia de Mello Breyner Andresen, in which a writing of continuous change permanently delays the sense, we will try to show the powerful symbology of a real “poetics of the labyrinth” in modern short stories.

The overflowing images of this poetic prose or “narrative poetry” immersed in a fantastic atmosphere leads frequently to a multiplicity and a total inversion of perspective flowing into dizziness and hallucination. The creatures that are immortalized here wander, trying to find themselves in the mystery that involves everything, leading us to the splendour of an unknown universe where the irrefutable beauty of Poetry is the main thread of a powerful quest for meaning.